

A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO DE FILOSOFIA PAUTADA NA EPISTEMI DIALÉTICA DO SABER

Leonardo Moraes Armesto¹
Thabata Roberto Alonso²

RESUMO: O ensino de filosofia é produto de uma série de discussões que alcançam os mais variados âmbitos da sociedade, à medida que instiga a procura por uma forma de enquadrar uma condição filosófica que subsidie o ambiente e a forma a qual vivemos. Em linhas gerais, se por alguns a compreensão de aspectos da filosofia são imprescindíveis para a noção de mundo e de relações entre pares ou entre ser humano e meio, para outros (equivocadamente) é percebida como uma forma deturpada de inteligência e mostra de cidadania. Essa última visão configura a filosofia como disciplina curricular e padrão de vida, de maneira banalizada e pouco utilitária em uma desconsiderada abordagem mais reflexiva da vida. Para tal, este estudo intui-se a analisar desafios e fragmentadores do cotidiano, onde o acelerado modo de vida capital e urbano, tanto quanto a fixação dos padrões de consumo são representativos no que tange o pouco tempo de dedicação à conhecer e permitir-se desbravar a idéia do uso filosófico.

Palavras-chave: Filosofia. Ensino-Aprendizagem. Dialética. Epistemologia. Saberes.

¹Mestrado em Bioengenharia pela UNIESP-Universidade Brasil, Pós-Graduação em Gestão Estratégica de Negócios na instituição de ensino Centro Universitário Monte Serrat (Unimonte), Pós-Graduação "Extensão" em Ene Renováveis, pela Politécnica Universidad de Madrid e em Astrofísica pela Universidade de Santa Catarina. Especialista em Arquitetura, Construção e Gestão de Edificações Sustentáveis. Especialização em Filosofia e História da Ciência, bem como em Ensino de Astronomia. Desenvolve pesquisas da área sustentável, física aplicada, biotecnologia, neurociência e educação. Empresário, Palestrante, Assessor e Consultor em assuntos de planejamento estratégico, além de desenvolver manuais institucionais técnicos corporativos e engajamento em empresas do terceiro setor. E-mail: engenheiro.larmesto@gmail.com.

² Professora em cursos de graduação e pós-graduação no modelo semi-presencial e 100% EaD. Mentora na Universidade Brasileira de Tecnologia Avançada. Formação pedagógica em química pela Universidade Cruzeiro do Sul. Desenvolveu como co-autora o projeto de pesquisa na tipologia de ensaio clínico duplo-cego randomizado na Universidade do Algarve em Portugal em parceria com o Hospital Particular do Algarve e a Universidade Federal de São Paulo, publicado em revista institucional em 2016. Professora de farmacologia na escola técnica Skinline (2018 até o presente). Especialização na modalidade Residência Multiprofissional na área de Farmácia Hospitalar e Clínica pela Universidade Federal de São Paulo e estágio internacional na Universidade do Algarve - Farmácia do Hospital Particular do Algarve. (2014 - 2016) Atuou com farmácia clínica em Unidade de Terapia Intensiva e Unidade de Traumatologia-Ortopedia da Santa Casa de Misericórdia de Santos-SP. Especialização na modalidade extensão de Gestão Financeira. Especialização na modalidade MBA em Auditoria e Faturamento de Farmácia Hospitalar e Medicamentos. Aprimoramento profissional em Vigilância Sanitária e Saúde Pública no Instituto Adolfo Lutz. Possui graduação em Farmácia pela Universidade Santa Cecília. E-mail: thabata.farma@gmail.com.

ABSTRACT: The teaching of philosophy is the product of a series of discussions that reach the most varied spheres of society, as it instigates the search for a way to frame a philosophical condition that subsidizes the environment and the way in which we live. Generally speaking, if for some the understanding of aspects of philosophy is essential for the notion of the world and relationships between peers or between human beings and the environment, for others (mistakenly) it is perceived as a distorted form of intelligence and citizenship demonstration. The ladder sets the philosophy as a curricular discipline and standard of living, in a trivialized and little utilitarian way, in a disregarded reflective approach to life. To this end, this study aims to analyze challenges and fragments of everyday life, where the fast-paced capital and urban way of life and the establishment of consumption patterns are representative in terms of the little dedication to self-knowledge and the allowance to pioneer the idea of philosophical use.

Keywords: Philosophy. Teaching-Learning. Dialectics. Epistemology. Know.

INTRODUÇÃO

Ao longo do tempo nos deparamos com inúmeros processos que elevam nossa capacidade de realizações e fomentam ainda mais e melhor nossa busca pela própria melhoria, como uma constante retroalimentação. Nesse sentido, há na leitura, bem como na capacidade de assimilação semântica das palavras, o produto chave para o ato de cidadania e contextualização da realidade na qual estamos ou, no caso de povos passados, estiveram inseridos.

Desta forma, observar no texto uma inesgotável fonte de pesquisas, referências, relações, sinergias e mecanismos de interpretação dessa realidade, acaba se forjando como ponte entre o presente, o passado e o futuro. Dada perspectiva é fundamental à cultura propriamente, e, sobretudo, à instrumentalização do saber real em interface direta com o destacamento e maior abrangência de costumes, conhecimentos e troca de informações, principalmente entre povo do mesmo tempo, à medida que se vence os limites da geografia e atua-se de maneira aglutinante na filosofia do cotidiano.

Assim, as abordagens da filosofia como um mecanismo de fazer real e motivador da lida relacional e funcional do cotidiano são produtos de extrema importância na realização das experiências. Essa construção é fundamentada em bases filosóficas que propiciam uma série de questionamentos que sintonizam-se no ato provocativo do indivíduo à medida que a própria ação vai modelando esse ideário na prática retroalimentada do fazer e obter. Essa consonância é próspera e difere a filosofia das demais disciplinas. Sua percepção encontra-

se exatamente no preâmbulo da experimentação e das ações típicas do ser vivente que abarca as próprias reflexões no contexto da experiência e deixa extravasar um saber que evoca e flui.

Para tanto, na consolidação da idéia não há parametrização sobre a reflexão em si, tão pouco sobre como e quanto valida-se uma eventual assertividade. Isto é, não há de se estabelecer uma linha de chegada que favoreça um ato reflexivo e pormenorize outro.

Não obstante, o fazer escolar atual está diretamente pautado em um ideal cada vez mais focado na tradução da vida moderna e a maneira com a qual os conteúdos escolares podem contribuir e construir de forma direcionada essa projeção do jovem no mundo. Neste sentido, dada modelagem pode apresentar positivities ou digressões na qualidade com a qual um jovem lida com sua trajetória. Isto salienta que o proposto usufruto de embasamentos escolares na idealização de uma linha pessoal e profissional do jovem que presta o ensino médio público ou privado tem ênfase na modernidade e essa na cadeia de acontecimentos e efeitos globalizantes do mercado e de suas manutenções de necessidades e consumo. Próximo a isso, encontra-se um modelo atual de interdisciplinaridade e transversalidade ascendente nos mais variados ambientes de ensino, onde não mais a constituição dos nortes e poderes isolados de cada uma das disciplinas da grade obrigatória curricular é levado em consideração, mas a integração de suas potencialidades. Dado fato, confabula no ensino de filosofia o teor de maior “amarração” entre os campos de ciência humanas e naturais, através de uma abordagem de ser humano, de construção social, de aspectos geográficos, históricos, de linguagens e instrumentos naturais integrados e usuais contemporaneamente.

2. OBJETIVO

Estudar o fundamento da filosofia do cotidiano como mecanismo de libertação e proeminência dos pensamentos, idéias e ideais do jovem contemporâneo no desenvolvimento de suas motivações e estímulo dos saberes.

3. REVISÃO DE LITERATURA

Furim (2019) e Amorim *et al* (2019) estabelecem um pareamento que avilta-se sobre a leitura do mundo e a leitura das palavras, forjando uma discussão sobre a ótica proposta

por Paulo Freire, ao salientar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. O propósito de tal fala encontra-se exatamente na valorização de formas literárias que servem como subsídio para o proposto modo de culta do mundo. Embora sociologicamente uma seja nutriente para a outra, no olhar filosófico vale-se a importância da prática, pois apenas nela reside a experiência necessária para a construção de idéias, experiências e estruturas conectivas extremamente válidas na formação do indivíduo.

Corroborante, segundo Gontijo (2005) atualmente, não mais se pode pensar em escrita e leitura como unidimensionais. Sem dúvida o texto escrito e lido sempre teve e continua a ter uma dimensão fundadora inalienável. Mas a ela somam-se muitas outras interfaces que permitem ao leitor, atribuir e construir novos e coerentes significados para o que lê e interpreta.

Para tanto, Joly *et al* (2017) estrutura a abordagem da leitura do estudante do ensino médio, a partir de uma crescente e gradativa elaboração e reverberação incitada ainda nos anos finais do ensino fundamental. Isto é, as estratégias cognitivas de leitura são formas deliberadas de decodificação dos símbolos lingüísticos e construção de significado que são utilizadas visando à compreensão formada no ensino de fundamentação (KLETZIEN, 1991).

Assim, Boruchovitch (2001) observa que esse olhar que parte para uma abordagem da leitura de maneira mais construtivista e reacionária da autonomia e da provocação desde as etapas mais iniciais do ensino fundamental, fomenta a formação de indivíduos que exercitam de maneira amplamente naturalizada suas formas de comunicação e constituição de saber pela ótica da leitura, da escrita e da dialética.

Neste arcabouço, a ação filosófica é vasta e não deve ser avaliada com uso de regimentos delineados e parametricamente definitivos. Assim, Corrêa (2016) salienta que engessar o ato avaliativo das ações filosóficas, acaba por fragmentar o processo reflexivo e reduz um âmbito de pensamento mais amplo, ao mote de aproveitamento estreito e ineficaz da filosofia em si.

Para Oliveira (2013) e Loureiro (2010), a percepção da filosofia como mecanismo amplo e livre de conceituações extremamente catedrática, contribui para um processo avaliativo de ensino estimulado apenas e tão somente pela continua reverberação do indivíduo em si. Isto é, avaliar o processo e dar nota é uma interação que pode funcionar à

medida que o processo da construção e reflexão típica da filosofia é feita apenas validando e considerando a movimentação das idéias, das relações e das superposições conceituais elencadas por meio da liberdade conectiva.

Segundo Romão (1999) os meandros avaliativos da filosofia são intimamente associados à dialética que consolida a reverberação contextualizada e não comedida do ser humano em questão.

Em conformidade, Vasconcelos (1998) atua perceptivamente na lógica que legitime o uso de ferramentas de ludicidade no fazer filosófico, além da busca por uma linguagem avaliativa que perceba a criatividade, a inventividade e o saber.

Segundo Novaes *et al* (2016) A filosofia é uma disciplina milenar que provê refinamento e rigor metodológico às reflexões humanas, tendo por isso sido a centelha criadora da ciência e principal aglutinadora da idéia de interdisciplinaridade moderna.

Para Kalsing (2011) a interdisciplinaridade que a filosofia como ciência primeira carrega, opõe-se à acomodação e faz do docente correlato, o idealizador de um processo de simultaneidade entre todos os protagonismos disciplinares, enlaçando os conhecimentos que em uma instância primeira, brotaram dela própria (a filosofia).

No olhar de Schulz (2013) e Severino (2011), essa integração alçada pela filosofia ocorre de forma natural, pois a base de estudos dessa ciência nos âmbitos do ensino médio é construída com base no ementário de maneira a interagir os variados contextos das demais disciplinas globalmente. Essa abordagem fortalece-se a cada dia a partir das necessidades cotidianas e dos aspectos globalizantes que fundamentam as relações entre mercado, economias e povos.

Não obstante e sinergicamente, Conceição (2020) ressalta que essa interdisciplinaridade é peça chave do atual BNCC (Base Nacional Comum Curricular) que a partir de 2018 vem estabelecendo os critérios de proximidades entre os saberes e, sobretudo a efetividade em prover um sistema de aplicação e prática efetiva á filosofia e as demais áreas do saber.

Assim, Fávero *et al* (2019) e Vizzotto (2019), concomitantemente definem hipoteticamente que a filosofia e a interdisciplinaridade são mais afeitas às práticas de ensino e à mobilização dos saberes, o que permite romper as fronteiras disciplinares. Ao longo de sua abordagem qualitativa e quantitativa de estudos transversais e praticidade em

unidades escolar sobre essa ação integrada, o autor compreende a viabilidade e assertividade de métodos como trilhas de aprendizagem, estudo baseado em problemas, aulas simultâneas entre filosofia e demais disciplinas, entre outros, como formatação benéfica, possível e significativamente aderente ao processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, em vista das correspondências autorais, é mister que o pressuposto interdisciplinar não só é possível de ser aplicado praticamente em ambiente de ensino, como é fator determinante para a eficácia do transpasse informativo e da dinamicidade entre alunos e professores do ensino médio. Esse fato redimensiona o ato filosófico, forjando-o como um valioso instrumento de prática docente e na sinergia epistemológica do mundo, das relações interpessoais e na maturidade intrapessoal de um fazer dialético que acaba por desaguar na reverberação dos saberes fluidos, arejados e em constante reconstrução.

4. METODOLOGIA

Quando se relaciona a ação da leitura com a formação da disciplina de filosofia do ensino médio, inclinamo-nos a validar essa relação de maneira consideravelmente integrada e indissociável, visto que a filosofia como ação efetiva, está pautada diretamente no poder e no ato da reflexão continua sobre um propósito questionador, assimilativo e descontínuo de relações dogmáticas. Essa mobilidade reflexiva permite-se por meio da natural reverberação e estímulo ao conhecimento, bem como do debate como causa natural de uma flexibilização social, psíquica, relacional ou na mitigação de fraturas individuais e coletivas.

Igualmente, a filosofia, como método de usufruto da vida, tende a dar maiores mostras de significância, quando aplainada sobre parâmetros pertencentes à realidade do sujeito contemporâneo, de forma a instrumentalizá-lo por meio das ferramentas filosóficas que expliquem, dialoguem e propiciem uma experiência de vida mais rica, feliz e substanciada.

Essa notoriedade, por meio do instrumento literário, faz do ensino de filosofia, a principal metodologia de transpasse da idéia, feito pela dialética proposta pelo docente em relação ao jovem aluno. Esse método provoca a reflexão á medida que inspeciona o saber do individuo, lhe fazendo buscar as respostas de suas próprias perguntas. Nesse ambiente

de frescor, o docente atua na dinamização e ventilação circunstancial, auxiliando tanto na legitimidade da ferramenta de questionamento, não dando as resposta, mas “organizando o caminho”, quanto na sinalização de uma caminhada exploratória e forjada em um propósito primeiro. Neste sentido, quando o propósito é definido, a transitoriedade dos questionamentos, deve estabelecer uma trilha de autoconhecimento e saber.

5. RESULTADOS

A construção de um saber pautado na epistemologia, como refletido e substanciado pelos autores, apresenta-se como uma estruturação importante e acaba por refletir e constituir uma contemporaneidade extremamente efetiva. A revisão de literatura, como forma, resulta em maior assunção desses autores na direção da efetividade da dialética escolar como meio de estimular a verdade particular, comungada com a maior mobilidade dos saberes no rumo do conhecimento. Contudo, sabe-se também, que a chegada ao saber verdadeiro é bastante versátil e cobra muito mais a prática contínua e interessada, do que a simbologia reservada em uma resposta certa e pouco explorada do ponto de vista da consciência do ser humano.

Para tanto, o maior desafio na realização avaliativa da filosofia é entender o meio mais real de valorá-la sem fracionar seu potencial. Os processos autorais são múltiplos e acabam por endossar que não há unicidade perceptiva sobre esse parâmetro, mas um formato variado e incomensurável. Assim, essa avaliação apenas não deve perder o caráter do autoconhecimento e da liberdade de ser e de pensar, seja qual for o mecanismo de exposição e manifestação de cada um. Por conseguinte, é entendida como um meio de detecção e mapeamento de problemas, que forma um indivíduo mais atento, cuidadoso com os demais e ciente de sua responsabilidade na melhor qualidade de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da contextualização filosófica em uma abordagem cada vez mais vinculada com a vida do jovem tende a tornar-se mais realçada ao longo do século XXI como mostra de representativa e inerência das tendências e efeitos da globalização. Isto porque, o indivíduo em desenvolvimento do momento atual é requerente e questionador natural de seus direitos, desejos e objetividades, ao mesmo tempo em que busca discutir

com seus pares sociais, melhores práticas de vida e de melhores qualidades de ser e estar em meio aos coletivos urbanos. Essa perspectiva faz parte de um processo desenvolvimentista que associa filosofia, sociologia, antropologias e a dinamicidade tecnológica e inovadora dos sistemas e das relações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, F. V.; JUNIOR, A. V.; NEVES, J. G. Antinomias da formação: os desafios do ensino de filosofia frente ao projeto científico-tecnológico moderno. *Revista de Educação Educere et Educare*, v. 14, n. 31, p. 01-15. Paraná, 2019. Disponível: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/20997/13961>>; Acesso em: out. 2021.

BORUCHOVITCH, E. Algumas estratégias de compreensão em leitura de alunos do ensino fundamental. *Revista Psicologia Escolar e Educacional*, v. 05, n. 01, p. 19-25. Campinas, 2001. Disponível: <<https://www.scielo.br/pdf/pee/v5n1/v5n1a03.pdf>>; Acesso em: nov. 2021.

CONCEIÇÃO, T. G. Que interdisciplinaridade a BNCC oferece à filosofia? Aproximações à língua portuguesa. *Revista Digital de Ensino de Filosofia*, v. 6, n. 1, p. 01-10. Santa Maria, 2020. Disponível: <<https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/38011/pdf>>; Acesso em: out. 2021.

CORRÊA, T. V. Reflexões sobre ensino, aprendizagem e avaliação em filosofia: um olhar sobre a avaliação na perspectiva emancipatória. *Revista Digital de Ensino de Filosofia*, v. 02, n. 01, p. 75-88. Santa Maria, 2016. Disponível: <<https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/22424/13999>>; Acesso em: set. 2021.

FÁVERO, A. A.; KAPCZYNSKI, A. L.; CENTENARO, J. B. O ensino de filosofia como potencializador da experiência interdisciplinar na educação básica: interfaces entre Hannah Arent e Matthew Lipman. *Revista Conjectura de Filosofia e Educação*, v. 24, n. 1, p. 57-75. Caxias do Sul, 2019. Disponível:

<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/6824/pdf>>; Acesso em: nov. 2021.

FURIM, M. M. F. S. A relação entre a “leitura do mundo e a leitura da palavra” no ensino de sociologia: estudo de caso realizado na escola estadual Vitória Furlani. Revista Eletrônica Multidisciplinar da Faculdade de Alta Floresta, v. 08, n. 01, p. 45-55. Manaus, 2019. Disponível: <<http://refaf.com.br/index.php/refaf/article/view/289>>; Acesso em: out. 2021.

GONTIJO, A. T. S. A importância da leitura na escola de ensino médio: um diferencial de crescimento e enriquecimento cultural, social, intelectual na formação do cidadão no mundo globalizado. Revista Jus Brasil, p. 02-11. São Paulo, 2005. Disponível: <<https://jus.com.br/artigos/7898/a-importancia-da-leitura-na-escola-de-ensino-medio>>; Acesso em: nov. 2021.

JOLY, M. C. R. A.; SANTOS, L. M.; MARINI, J. A. S.; Uso de estratégias de leitura por alunos do ensino médio. Revista Paidéia, v. 16, n. 34, p. 205-212. Itatiba, 2017. Disponível: <<https://www.scielo.br/pdf/paideia/v16n34/v16n34a08.pdf>>; Acesso em: nov. 2021.

157

KALSING, R. M. S. Filosofia e interdisciplinaridade: uma experiência de ensino. Revista Húmus, v. 1, n. 3, p. 77-85. Florianópolis, 2011. Disponível: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/1621/1286>>; Acesso em: set. 2021.

KLETZIEN, S. B. Strategy use by good and poor comprehenders reading expository text of differing levels. Journal Reading Research Quarterly, v. 26, n. 01, p. 67-86, 1991. Disponível: <<https://www.jstor.org/stable/747732?seq=1>>; Acesso em: out. 2021.

LOUREIRO, C. Estratégias metodológicas para ensino de filosofia, Revista UFRN, v. 1, n. 1, p. 17-25. Rio Grande do Norte, 2010. Disponível: <<https://pt.scribd.com/document/289278651/Estrategias-Metodologicas-Para-o-Ensino-de-Filosofia>> Acesso em: nov. 2021.

NOVAES, F. C.; GONTIJO, D. F. A interdisciplinaridade entre filosofia e ciência: uma resenha de interfaces da filosofia contemporânea. *Revista Cognitio-Estudos – Eletrônica de Filosofia*, v. 13, n. 1, p. 115-119. São Paulo, 2016. Disponível: <<https://revistas.pucsp.br/cognitio/article/view/21684/0>>; Acesso em: nov. 2021.

OLIVEIRA, V. L. Práticas avaliativas: uma experiência no ensino de filosofia. 2013, 41 f. Monografia (Pós-Graduação em Educação – Métodos e Técnicas de Ensino), Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013. Disponível: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4746/1/MD_EDUMTE_II_2012_43.pdf>; Acesso em: set. 2021.

ROMÃO, J. E. Avaliação dialógica: desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 1999.

SCHULZ, A. Filosofia e interdisciplinaridade no ensino médio. In: II Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Filosofia. Anais [...]. ATAS DO II ENEPEFIL – Goiás, p. 147-159, 2013. Disponível: <<https://revistas.ufg.br/sv/article/view/33919/17946>>; Acesso em: out. 2021.

SEVERINO, A. J. Do ensino de filosofia: estratégias interdisciplinares. *Educação em Revista*, v. 12, n. 1, p. 81-96. Marília, 2011. Disponível: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/educacaoemrevista/article/view/1539>>; Acesso em: nov. 2021.

VASCONCELLOS, C. S. Avaliação da aprendizagem. Práticas de mudança. São Paulo: Libertad, 1998.

VIZZOTTO, R. O desafio do ensino de filosofia com os jovens do ensino médio. *Revista Digital de Ensino de Filosofia*, v. 5, n. 2, p. 100-110. Santa Maria, 2019. Disponível: <<https://periodicos.ufsm.br/refilo/article/view/35783/pdf>>; Acesso em: out. 2021.